

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 1) Jan. 2018

AS GRAVURAS AINDA NÃO APRENDERAM A NADAR

o impacto das cheias
nas gravuras do
Vale do Côa

Gemas gravadas
numa alfaia litúrgica

“Bater a Caçoleta”
os projéteis de armas ligeiras
do Museu Leonel Trindade

Guadamecis e Guadamecileiros
de Évora e Vila Viçosa



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[travessa Luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[secretariado@caa.org.pt]

[http://www.caa.org.pt]

[http://www.facebook.com]

... contacte-nos

Educação Patrimonial



arqueohoje
finding our future...

ARQUEOLOGIA

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

MUSEUS E CENTROS DE INTERPRETAÇÃO

MANUTENÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

ROTAS CULTURAIS & PEDESTRES

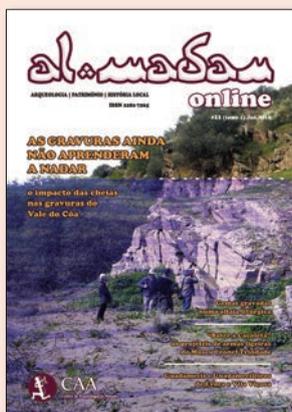
GESTÃO CULTURAL

PUBLICAÇÕES

www.arqueohoje.com

https://www.facebook.com/arqueohoje/

Arqueohoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
Rua da Escola. Lote 9, Loja 2, Santa Eulália-Repeses . 3500-682 Viseu * Office: 232 416 030
Filial de Lisboa: Rua do Triângulo Vermelho, nº 2, 1170-375 Lisboa



Capa | Jorge Raposo

Imagem de visita à Rocha 1 da Ribeira de Piscos, no Parque do Côa, cerca de um mês após cheia registada no Inverno de 2014. A linha tracejada a branco, à direita, marca a cota de inundação, aqui evidenciada pela sobreposição de filtro que mescla a imagem original com uma superfície aquática.

Foto © Luís Luís, Fundação Côa Parque, parcialmente sobreposta por imagem disponível na Internet.



II Série, n.º 22, tomo 1, Janeiro 2018

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.pt**Distribuição |** <http://lissuu.com/almadan>**Patrocínio |** Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Abrir, esta *Al-Madan Online* confronta-nos com uma séria ameaça à integridade e preservação de uma das jóias da Arqueologia portuguesa, justamente integrada na lista do Património Mundial da UNESCO: a arte rupestre do Vale do Côa, que em 1996 se livrou da submersão provocada pela construção de uma barragem, mas está desde então sujeita a cheias prolongadas. “*As gravuras não sabem nadar*” deu mote a um movimento que abalou a sociedade portuguesa nos já distantes anos 1990. Presumimos hoje que continuarão a não saber. Contudo, constatamos que boa parte delas teve de desenvolver entretanto uma invulgar aptidão para o mergulho em apneia!

Conhecidas as condições ambientais da região, é expectável que a acção dos agentes naturais aumente sazonalmente o caudal do rio Côa. Mas não é admissível permitir que esse efeito seja fortemente agravado pela ensecadeira que deveria ter funcionado só alguns meses, durante a construção da barragem, mas lá permanece quase 25 anos depois! É um enorme factor de risco para um Património único e insubstituível, e também uma severa condicionante à sua investigação, conservação e fruição pública. Identificar o problema e detalhar as suas causas e consequências tem o inegável mérito de alertar para a urgência de medidas correctivas que merecem a atenção imediata da DGPC e da Fundação Côa-Parque.

O Parque e o Museu do Côa justificam ainda outra abordagem nas páginas desta *Al-Madan Online*, onde é defendido um modelo alternativo de gestão patrimonial. É um dos textos de opinião, que também se ocupam da investigação do século VIII e do paradigma dos orçamentos participativos. Os artigos dedicados a trabalhos e estudos arqueológicos são diversificados, temática e cronologicamente, e tratam contextos e materiais que vão da romanidade ao século XIX: da *villa* romana de Fundo de Vila (Tábua) à rede viária dessa época na zona do Vimieiro (Arraiolos); das várias ocupações do Alto da Casa Branca (Lisboa) aos fornos de cal contemporâneos em Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Trofa; de 1/4 de *dirham* almóada recolhido na zona de Alcácer do Sal, às gemas gravadas em alfaia litúrgica dos séculos XIV-XV e aos projectos de armas ligeiras usados nos confrontos do século XIX. Há ainda um contributo para a história do ensino da Arqueologia em Portugal, a análise de fontes documentais relativas aos Paços do Município de Alcácer do Sal e à arte do guadameci em Évora e Vila Viçosa nos séculos XVI e XVII, e espaço para defender a tese que Fernão Lopes (≈1380/1390-1460) terá nascido e sido sepultado no Alandroal. Por fim, desenvolvido noticiário arqueológico antecede o comentário a diversos eventos e a agenda dos que são conhecidos para os próximos meses. E para começar bem, tem já a seguir uma reflexão sobre o binómio Arqueologia - Turismo.

Votos de boa leitura!

Jorge Raposo

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica |** Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, José Carlos
Henrique, Fernanda Lourenço e Sónia
Tchissolle

Colaboram neste número |

André Albuquerque, Nelson J. Almeida,
Clementino Amaro, Ferran Antolín,
José M. Arnaud, Ruben Barbosa, Ana C.
Basílio, Luísa Batalha, João Belo, Marian
Berihuete Azorín, Nuno Bicho, Flávio
Biscaia, Carlos Boavida, Anabela

Borralheiro, Patrícia Brum, Guilherme
Cardoso, António R. Carvalho, Daniel
R. de Carvalho, João Cascalheira,
Enrique Cerrillo Cuenca, Fernando
Coimbra, Luís Costa, Paulo Costa,
Maria Isabel Dias, Mariana Diniz,
Graça Cravinho, Pedro Cura, José
d'Encarnação, Lídia Fernandes, Cristiana
Ferreira, António Fialho, Rui Ribolhos
Filipe, José P. Francisco, Jorge Freire,
Sara Garcês, Manuel García-Heras,
Marijo Gauthier-Bérubé, Carolina Grilo,
Vanda B. Luciano, Luís Luís, Ana P.
Magalhães, João Marques, Andrea
Martins, Ana Mateos Orozco, Alexandre
Monteiro, César Neves, Luiz Oosterbeek,

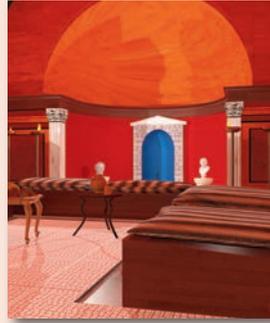
Pedro Patacas, Franklin Pereira, Miguel
Pessoa, Rui Pinheiro, Inês V. Pinto,
Leonor Pinto, Sandro Pinto, Luís
Raposo, Raquel C. Raposo, Clodoaldo
Roldán García, Maria Isabel Sarró, Chris
Scarre, Isabell Schmidt, João L. Sequeira,
Fernando R. Silva, Elisa Sousa, João P.
Tereso, André Teixeira, André Texugo,
João Torcato, António Valera, António
Valongo e Gerd-Christian Wenigeru

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

A Arqueologia e o Turismo:
útil binómio a acautelar |
José d'Encarnação...6 ▶



ESTUDOS

A Rede Viária Romana
como Objeto de Reflexão:
a propósito dos troços
calçadados da Herdade das
Postas e da ponte da Fargelinha
(Vimieiro, Arraiolos) |
Ruben Barbosa...50 ▶

ARQUEOLOGIA



As Gravuras Ainda
não Aprenderam a Nadar:
impacto das cheias na arte
rupestre do Vale do Côa
entre 1996 e 2016 |
Luís Luís...10 ▶

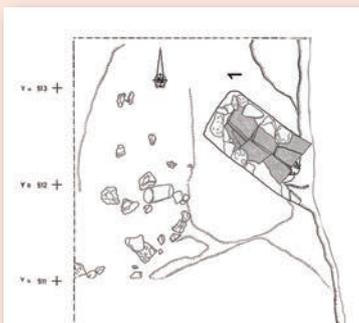
Gemas Gravadas
numa Alfaia Litúrgica |
Graça Cravinho...60 ▶



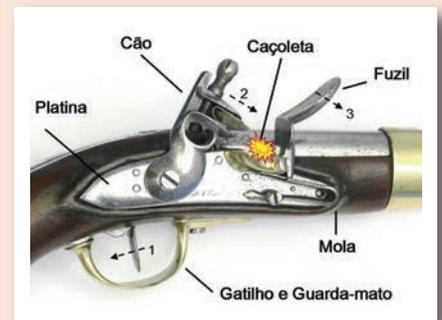
Quinta das Covas,
uma *Villa* Romana em
Fundo de Vila, Tábua |
Raquel Caçote Raposo
...29 ▶



Breve Nota sobre
1/4 de *Dirham* Perfurado
de Cronologia Almóada
Encontrado Junto a
Qaṣr al-Faṭḥ / Alcácer
[do Sal] | António Rafael
Carvalho...68 ▶



O Sítio Arqueológico do
Alto da Casa Branca (Tapada
da Ajuda, Lisboa) | Guilherme
Cardoso, Clementino Amaro
e Luísa Batalha...35 ▶



Os Fornos de Cal Artesanais nos
Concelhos de Vila do Conde, Póvoa
de Varzim e Trofa na Época
Contemporânea: contributo para
o seu estudo | Fernando
Ricardo Silva...41 ▶



Bater a Caçoleta: subsídio para
o estudo da coleção de projéteis de
armas ligeiras do Museu Leonel
Trindade | Rui Ribolhos
Filipe...74 ▶

HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

O Ensino da Arqueologia no Século XIX:
uma abordagem preliminar de propostas,
programas e cursos | Daniel Martins da Silva
Rodrigues de Carvalho...80 ▶

¿Por qué no se estudia el siglo VIII?
Una reflexión historiográfica y bibliométrica |
Ana Mateos Orozco...98 ▶

OPINIÃO

Museu do Côa: do
discurso institucional
ao museu participativo |
José Paulo Francisco
...86 ▶



PATRIMÓNIO



Do Castelo até à
Ribeira: um olhar sobre
os Paços do Município
de Alcácer do Sal | António
Rafael Carvalho...114 ▶

O Estranho Caso da Ota: o paradigma
dos Orçamentos Participativos e os resultados
de um projecto “comunitário” | André
Texugo e Ana Catarina Basílio...104 ▶

Guadamecis e Guadamecileiros
de Évora e Vila Viçosa: uma arte
de luxo em 1500-1600 |
Franklin Pereira...131 ▶



HISTÓRIA LOCAL

Fernão Lopes, natural
do Alandroal | João Torcato
e José d'Encarnação
...145 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO...150 ▶

Textos de...

Nelson J. Almeida *et al.* [pp. 150-151];
Rui Pinheiro [pp. 152-157];
Guilherme Cardoso [pp. 158-159];
João L. Sequeira e António Valongo [pp. 160-161];
Vanda B. M. Luciano [pp. 162-163];
André Albuquerque *et al.* [pp. 164-165];
Alexandre Monteiro *et al.* [pp. 166-170];
Ana Patrícia Magalhães *et al.* [pp. 171-173];
Lídia Fernandes e Carolina Grilo [pp. 174-176];
Miguel Pessoa [pp. 177-181]

EVENTOS...182 ▶

Textos de...

José d'Encarnação [pp. 182-184];
João P. Tereso *et al.* [pp. 185-187];
João Cascalheira *et al.* [pp. 187-189];
Fernando Coimbra e Luiz Oosterbeek [pp. 190-191];
António Valera [pp. 192-193];
João P. Tereso [pp. 193-194];
Manuel García-Heras *et al.* [pp. 195-196];
José M. Arnaud *et al.* [pp. 197-198]

Agenda...199 ▶

1.º Encontro de Carpologia Ibérica

João Pedro Tereso¹, Marian Berihuete Azorín² e Ferran Antolín³

¹ InBIO - Research Network in Biodiversity and Evolutive Biology, Associated Laboratory;

CIBIO - Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources, Universidade do Porto;

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;

² Universität Hohenheim;

³ Institute of Prehistory and Archaeological Science - Universität Basel.



ENCONTRO DE CARPOLOGIA IBÉRICA

Iberian Carpology Meeting

Um tributo a / A tribute to

A. R. Pinto da Silva

Porto (Portugal) - 22 - 23 Junho / June 2017

FIG. 1

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Decorreu nos dias 22 e 23 de Junho, no Porto, o 1.º Encontro de Carpologia Ibérica, com o tema “Uso de plantas pelas comunidades humanas na Península Ibérica: perspetivas carpológicas”. Realizado no ano em que se assinalavam 25 anos do falecimento de A. R. Pinto da Silva, este encontro constituiu-se também como uma homenagem a este investigador. Não deixa, por isso, de ser relevante o facto de se ter tratado de uma organização conjunta de diferentes instituições europeias, nomeadamente o InBIO (Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Laboratório Associado.), CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos), Universität Hohenheim, IPAS (Institute of Prehistory and Archaeological Science) da Universität Basel, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, MHNCUP (Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto) e GEEVH (Grupo de Estudos em Evolução Humana). A organização esteve ao cargo dos três signatários desta notícia.

A. R. Pinto da Silva: a pertinência de uma homenagem

Como referido antes, foi entendido que este Encontro Ibérico, realizando-se em Portugal, no ano que passavam 25 anos desde o falecimento de A. R. Pinto da Silva, seria uma boa oportunidade de fazer um tributo a este investigador, um dos primeiros a trabalhar em Arqueobotânica no nosso país.

A. R. Pinto da Silva trabalhou em colaboração com diversos arqueólogos nacionais desde a década de 1930 até à sua morte, em 1992. É lícito falar de um período antes de Pinto da Silva e depois de Pinto da Silva na carpologia portuguesa, sendo escassos os trabalhos na área antes deste botânico ter sido convidado a identificar material de Vila Nova de São Pedro. A carpologia nunca

foi a sua principal atividade, sendo Pinto da Silva botânico e engenheiro agrónomo da Estação Agronómica Nacional. Mas, com este investigador, passámos de cerca de meia dúzia de curtas notícias de descoberta de sementes ou frutos, para quase meia centena de sítios estudados. Coube-lhe a possibilidade de estudar material de diferentes cronologias, de sítios arqueológicos de norte a sul do país, e o seu trabalho não se limitou ao diagnóstico taxonómico, tendo também realizado estudos biométricos, de forma a melhor compreender as características dos cultivos que encontrava. Ainda assim, à semelhança do que então se verificava com outras áreas consideradas auxiliares da Arqueologia, verificou-se uma desarticulação entre o trabalho laboratorial que realizou e a interpretação dos contextos arqueológicos, fruto da relação desigual estabelecida com as equipas de Arqueologia. Por outro lado, embora Pinto da Silva tenha trabalhado isolado em Portugal, tentou contrariar esse isolamento de forma a colmatar lacunas, perfeitamente naturais, na identificação de algum material carpológico. Como tal, manteve contactos com M. Kislev, a quem colocou questões acerca de morfologia dos cereais das jazidas portuguesas, tendo inclusive enviado material por correio para que o carpológico israelita identificasse. Apesar destes esforços, o investigador português não beneficiou verdadeiramente dos avanços teóricos e metodológicos cruciais que se verificaram na Arqueobotânica europeia, numa altura em que metodologias de trabalho, inclusive critérios morfológicos para a identificação de cereais, estavam a ser discutidas e revistas. Seja como for, o trabalho de Pinto da Silva é ainda hoje crucial e, em muitos aspectos, incontornável para compreendermos a distribuição antiga de algumas espécies agrícolas no ocidente peninsular. A homenagem ao seu trabalho, neste 1.º Encontro de Carpologia Ibérica é, assim, um tributo merecido e necessário para que o seu tra-

balho seja lembrado e os seus esforços sejam recompensados.

Encontro de Carpologia Ibérica: porquê e como

Embora designado de 1.º Encontro de Carpologia Ibérica, este evento vem no seguimento de uma prática iniciada anteriormente. Desde há vários anos, os carpológicos ibéricos reuniam-se, primeiro anualmente, depois de forma mais espaçada, com o intuito de trocar ideias, promover parcerias e debater metodologias. Estes encontros contavam sempre, como elemento central, com uma sessão laboratorial, onde cada investigador partilhava dúvidas que a comunidade, em conjunto, tentava esclarecer, num espírito científico e de camaradagem ímpar. Com o crescente número de investigadores desta área no espaço ibérico, tornou-se evidente que a comunidade científica – não só os carpológicos – beneficiaria de uma mudança de formato, decidindo-se por um modelo intermédio que se aproximasse de um congresso, mas que mantivesse alguns elementos característicos dos encontros informais que anteriormente se realizavam. Nasceu assim o Encontro de Carpologia Ibérica / *Iberian Carpology Meeting* e não um encontro de carpológicos ibéricos, pois encontra-se aberto a investigadores estrangeiros a trabalhar sobre material ibérico.

Deste modo, o encontro decorreu em dois dias, cada um com uma estrutura bem distinta. O primeiro decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde foram apresentadas diferentes comunicações orais, seguidas de um debate, abertos ao público e de entrada gratuita. O programa do segundo dia desenvolveu-se no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto. Aí realizou-se uma sessão laboratorial reservada a carpológicos onde, replicando o espírito dos eventos anteriores, cada investigador



pôde mostrar material carpológico, ver algumas das suas dúvidas ser esclarecidas e ajudar a esclarecer as dúvidas dos seus colegas.

As conferências

Como é possível perceber através dos títulos das apresentações (ver caixa), verificou-se uma significativa diversidade temática e cronológica. Foram apresentados resultados de estudos carpológicos de jazidas de diferentes cronologias e localizações, da Pré-História à Época Moderna, de Portugal a diversas regiões espanholas. Após cada comunicação, seguiu-se um debate salutar e muito enriquecedor, tornando claro que, apesar da alteração de formato, este continua a ser um evento de proximidade particularmente enriquecedor para os seus participantes e assistentes. Esta questão é muito relevante, considerando a diversidade de comunicantes. De facto, este encontro contou com a presença de investigadores de referência para a carpológia ibérica e europeia, assim como de estudantes de mestrado e doutoramento, cons-

tituindo uma excelente oportunidade de aprendizagem para os segundos.

O uso de recursos vegetais por parte de caçadores recolectores foi abordado por Carmen Martínez Varea, com enfoque no sítio da Cova de les Cendres, mas a exploração de recursos silvestres foi igualmente explorada na discussão do contexto excepcional de Pou Nou-2, já do Neolítico, numa comunicação feita por Ferran Antolín.

Ainda da Pré-História, mas para períodos mais recentes, foram apresentados os resultados dos estudos de jazidas portuguesas, nomeadamente de Alcalar, por Hans-Peter Stika, e do Terraço das Laranjeiras, por Ana Jesus. São também portugueses dois dos sítios da Idade do Ferro abordados neste encontro, o Crastoeiro, por Luís Seabra, e o Crasto de Palheiros, por Margarida Leite, a que se acrescentou Els Estincells, um sítio catalão apresentado por Natália Alonso.

FIGS. 2 E 3 – Aspectos das conferências do primeiro dia (em cima) e da sessão laboratorial do segundo dia (em baixo).



FOTOS: Filipe Vaz.

1.º ECI

Lista de Comunicações

João Pedro TERESO, “Pinto da Silva no contexto da carpológia e arqueologia portuguesas”;

Carmen María MARTÍNEZ VAREA e Miguel Ángel BEL MARTÍNEZ, “Recolectores-cazadores: uso y gestión de los recursos vegetales en el Magdaleniense de la Cova de les Cendres”;

Ferran ANTOLÍN, Vicente LÓPEZ, Josep MESTRES, Jordi NADAL e Juan FRANCISCO GIBAJA, “Bellotas y cereales. Primeras observaciones sobre el registro carpológico de una estructura del V milenio cal. ANE en el yacimiento de Pou Nou-2 (Sant Pere Molanta, Barcelona)”;

Guillem PÉREZ JORDÀ e Leonor PEÑA-CHOCARRO, “Las Salinas de Añiana (Álava) un conjunto de semillas y frutos particular”;

Hans-Peter STIKA, “Results of archaeobotanical analyses concerning Chalcolithic settlement excavations at Alcalar, Algarve, Portugal”;

Ana JESUS, João Pedro TERESO e Rita GASPAS, “O estudo carpológico das estruturas negativas do Terraço das Laranjeiras (Idade do Bronze)”;

Luís SEABRA e João Pedro TERESO, “Evidências arqueobotánicas de armazenagem no povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Noroeste Peninsular)”;

Miguel TARONGI CHAVARRI, “Presentación del proyecto de investigación doctoral «Prácticas agroalimentarias en el Mediterráneo Occidental durante la Protohistoria: Las Leguminosas. Una nueva propuesta taxonómica e interpretativa»”;

Margarida LEITE, João Pedro TERESO e Maria de Jesus SANCHES, “Aproximações ao espaço e aos gestos no Crasto de Palheiros na Idade do Ferro: novos estudos de carpológia”;

Eva MONTES-MOYA, “Fruit cultivation at the Ibero-Roman city of Cástulo, Jaén, Spain, with special reference to olive tree cultivation”;

Natália ALONSO, “Estudio carpológico de los edificios quemados en el s. III a.C. en Els Estincells (Verdú, Cataluña)”;

João TERESO e Lídia FERNANDES, “Fodder in the city: carpolological data from Lisbon in the 1st of November 1755”;

Amaia ARRANZ OTAEGUI, Inés L. LÓPEZ-DÓRIGA e Marian BERIHUETE AZORÍN, “Prehistoric underground storage structures in the Iberian Peninsula”;

Ana JESUS, Alexandre GONÇALVES e João Pedro TERESO, “Estudo carpológico do sítio Islâmico do Alto da Vigia (Sintra)” [poster].

Do período romano, a comunicação de Eva Montes-Moya focou o cultivo de árvores de fruto, em especial de oliveira, em Cástulo, Jaen. A Época Moderna surge representada neste encontro através do estudo carpológico do Museu do Teatro Romano de Lisboa, apresentado por João Tereso.

A última comunicação centrou-se num tipo de vestígios pouco estudados, nomeadamente as estruturas subterrâneas de reserva (por exemplo, bolbos) que, por vezes, surgem nas amostras arqueobotânicas. A apresentação esteve ao cargo de Amaia Arranz Otaegui, Inés L. López-Dóriga e Marian Berihuete Azorín e tentou alertar para a fragilidade destas estruturas botânicas depois de carbonizadas, demonstrando também as especificidades do seu estudo. O Encontro contou ainda com um *poster*, focado no estudo do Alto da Vigia, sítio islâmico localizado em Sintra.

Debate

Como estava previsto no programa, após as comunicações decorreu um interessante debate com o mote “A Carpologia na Península Ibérica: um Estado da Questão”. A maior parte da discussão centrou-se na necessidade de fundar uma associação de carpólogos peninsulares, tema já alvo de um primeiro debate na reunião anterior, realizada em Março de 2014, na Universidade de Hohenheim. Embora tenham ficado patentes algumas divergências, concordou-se com a criação da associação, sustentando essa decisão em quatro argumentos principais, a saber: **1)** a associação servirá de intermediário entre arqueólogos e as instituições ligadas à investigação arqueobotânica, favorecendo assim a integração dos estudos arqueobotânicos nos planos e protocolos de escavação; **2)** uma associação de profissionais, tal como foi proposta, zelará pela qualidade dos trabalhos e prevenirá que as análises deste tipo sejam totalmente reguladas por normas de mercado; **3)** a associação servirá de agente de consulta e aconselhamento, ajudando no estabelecimento de programas de intervenção para que incluam estudos arqueobotânicos; **4)** a associação ajudará à projecção internacional da investigação feita no âmbito peninsular.

Além deste tema, o debate focou outras questões, tendo sido debatidas propostas de temas específicos, que poderão mesmo vir a ser desenvolvidos no âmbito de uma futura associação. A título de exemplo, foi proposta a realização de *workshops* sobre temáticas muito específicas que sejam do interesse dos carpólogos ibéricos, tais como o estudo

de fibras ou de órgãos de reserva subterrâneos, entre outras.

O futuro do Encontro de Carpologia Ibérica

O sucesso evidente do 1.º Encontro de Carpologia Ibérica exige a sua continuidade, em articulação com outros eventos científicos que habitualmente cativam parte da comunidade arqueobotânica ibérica. O crescimento desta comunidade e a proliferação de estudantes de diferentes

graus do ensino superior sustenta a realização, com periodicidade regular de três anos, de um evento que junte os carpólogos, promovendo uma interacção entre diferentes gerações e uma melhor difusão dos trabalhos que os vários laboratórios realizam. Neste sentido, o próximo Encontro de Carpologia Ibérica será realizado em Jaen, na universidade dessa cidade andaluza, estando a sua organização ao cargo de Eva Montes-Moya, que solicitamente se disponibilizou para o efeito. 

3.º Congresso Internacional sobre o Solutrense

João Cascalheira¹, Isabell Schmidt², Nuno Bicho¹ e Gerd-Christian Weniger³

¹ ICAEHB - Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior, Universidade do Algarve, Portugal (jmcascalheira@ualg.pt);

² Universidade de Colónia (Alemanha);

³ Museu Neandertal (Alemanha).

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Entre os dias 12 e 14 de outubro de 2017 decorreu, no Campus de Gambelas da Universidade do Algarve (UALG), o 3.º Congresso Internacional sobre o Solutrense. Esta foi uma organização conjunta de investigadores do Centro Interdisciplinar em Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano (ICAeHB) (João Cascalheira e Nuno Bicho), da Universidade de Colónia (Isabell Schmidt) e do Museu Neandertal (Gerd-Christian Weniger).

Edições anteriores desta conferência foram organizadas em Arcy-sur-Cure (França), em 2007, e em Velez Blanco (Almeria, Espanha), em 2012. Ainda que os respetivos organizadores desses encontros não tenham considerado, à partida, que este se pudesse tornar um congresso periódico, a organização de 2017 tomou a liberdade de considerar esta uma continuação dos eventos anteriores, com o objetivo de iniciar uma periodicidade de cinco anos para a realização do evento.



FIG. 1

Durante os últimos anos, o estudo do tecnocomplexo Solutrense parece ter perdido algum terreno, do ponto de vista de publicações internacionais, projetos financiados, etc., para outros temas com mais impacto, como, por exemplo, a transição entre Neandertais e Humanos Anatomicamente Modernos. Não obstante, a importância que o estudo das adaptações humanas ao Último Máximo Glacial no Oeste Europeu tem tido no âmbito dos estudos paleolíticos é incontestável. O rico património arqueológico e o contexto ambiental distinto a que o Solutrense está associado, têm permitido ao longo dos anos a aplicação, teste e melhoria de novos métodos analíticos, e a construção de modelos teóricos, frequentemente aplicados e problematizados em questões paleoantropológicas mais amplas. Foi precisamente neste âmbito, e acreditando que o Solutrense deve ser mantido como um dos principais focos da investigação pré-histórica da Eu-

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]